

11

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O PROCESSO PEDAGÓGICO DE UMA ESTUDANTE COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM EM ESCOLA MUNICIPAL DE PRESIDENTE KENNEDY (ES)

► *Maria Regina Fontana Contarini*
► *Nilda da Silva Pereira*

1 INTRODUÇÃO

A Educação brasileira requer atender a diversidade dos alunos e suas necessidades, inclusive os sujeitos com dificuldades de aprendizagem, tema deste estudo. A dificuldade de aprendizagem, muitas vezes, não está relacionada aos problemas de abordagem pedagógica, ou seja, está associado a outras instâncias, pois, mesmo após uma mudança na abordagem educacional do professor, o aluno continua apresentando os mesmos resultados insuficientes.

O problema de pesquisa procura responder um questionamento que nos inquieta, *como ocorre o processo pedagógico de alunos com dificuldades de aprendizagem?* Temos como hipóteses que o processo pedagógico deve consistir na elaboração de programas de intervenção adaptados às características de aprendizagem específicos de cada criança e no meio ambiente em que ocorre essa aprendizagem. Provavelmente um ambiente calmo e previsível, promovido de forma estruturada para favorecer a aprendizagem, minimiza as dificuldades de comunicação, interação e comportamento.

É comum no ambiente escolar encontramos estudantes desinteressados, agressivos e com problemas de relacionamento com os colegas. Tais dificuldades podem resultar em faltas de aulas, repetência ou evasão escolar, além de se ter a probabilidade de se prejudicarem no mercado de trabalho, por falta de estudos. Nesse cenário, a relação de professor e aluno também se torna conflituosa, prejudicando o processo ensino-aprendizagem em seu desenvolvimento e qualidade.

A educação atual requer, cada vez mais, desenvolvimento de competências e habilidades de alunos. Então, é preciso estudar meios para que haja um cumprimento pleno dos objetivos de ensinar alunos que apresentem dificuldades de aprendizagem. Por isso, que escolhemos este tema para aprofundar no mestrado.

Aderir à inclusão necessita de acessibilidade que favoreça a construção de uma escola aberta, onde esteja presente a equidade, ou seja, conforme versa o artigo 5º, caput, da Constituição Federal. Mais do que uma igualdade formal perante a lei se destaca a igualdade material. O que se esquadrinha é uma igualdade proporcional porque não se podem tratar igualmente situações provenientes de fatos desiguais. Dar tratamento isonômico às partes significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades.

O processo metodológico é pautado pela pesquisa qualitativa, associado à pesquisa ação porque, enquanto pesquisadores, temos a possibilidade de intervir em uma problemática de dificuldade de ensino aprendizagem de uma criança diagnosticada com limitação elaborativa, déficit cognitivo, idade mental inferior a cronológica (retardo mental-CID 71) e comprometimento da linguagem.

Em 2017, numa sala de aula com 25 crianças, foi iniciado, como professora de educação especial, o trabalho pedagógico com a estudante Maria (nome fictício). A turma já tinha uma professora regente e eu fui contratada para atender especialmente a estudante. Assim, nós fomos instigadas a compreender o seu processo de aprendizagem. Nesta tarefa, colocamos em prática ações pedagógicas reflexivas sobre os resultados que íamos alcançando com a estudante, e a partir da reflexão, fomos construindo novos procedimentos pedagógicos, novas ações e construção de novo saberes.

Para melhor coleta de dados trabalhamos com entrevistas semiestruturadas. As pessoas entrevistadas foram a Mãe de Maria, a professora regente e a coordenadora pedagógica. Todo o trabalho, junto a estudante Maria, teve duração de três anos. Neste período fiz a coleta dos dados por meio de registro em um caderno, onde anotamos os trabalhos pedagógicos realizados e desempenhos da educanda.

O objetivo maior deste artigo é delimitar em compreender o fazer pedagógico no processo educativo, ou seja, ensino e aprendizagem de uma aluna com dificuldade de aprendizagem em escola municipal de Presidente Kenedy-ES. Sendo assim, os nossos objetivos específicos foram: desenvolver análises crítica sobre os desafios que envolvem o processo de ensino e aprendizagem; discutir conceitos de aprendizagem a partir de um referencial teórico selecionado; descrever o processo de ensino que permitiu a aprendizagem da aluna sujeito da pesquisa.

2. A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA ESTUDANTE

Em abril de 2017, iniciamos o trabalho pedagógico especificamente planejado e direcionado às necessidades da aluna Maria, matriculada no 3º ano do Ensino Fundamental, com oito anos de idade, estudante na Instituição de Ensino, E.M.E.I.F. - Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental São Paulo, desde a Pré-escola.

Ao iniciar o trabalho com a aluna verificamos o projeto Político Pedagógico da Escola. Nele constatamos que a instituição estava aberta para a toda comunidade escolar, inclusive para os estudantes com deficiência intelectual. Desta forma, a escola além do seu objetivo tradicional de promover a educação e a integração social, cumpre assim um papel fundamental para reverter situações de inclusão ao promover

situações de exclusão ao promover ações de conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência (TELES; RESEGUE; PUCCINI, 2016).

Logo no início do trabalho, conversamos com as professoras sobre a situação de Maria. A estudante não tinha um laudo médico. Então a primeira atitude foi conversar com a mãe da criança e solicitar um laudo clínico sobre seu desenvolvimento psíquico com o especialista do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Fizemos um relatório simples sobre a Maria para a mãe mostrar ao médico. O resultado do laudo de Maria apresentou atraso no desenvolvimento Mental, dificuldade no Aprendizado, difícil intelectual, limitação elaborativa, difícil cognitivo, idade mental inferior a idade cronológica e comprometimento da linguagem. De acordo com o prontuário médico: CIDF71. Maria iniciou o tratamento com a medicação descrito pelo médico, CARBAMAZEPINA.

Sabendo sobre os problemas cognitivos da estudante iniciamos os processos pedagógicos diferenciados necessários. A estudante tinha consciência de que não acompanhava a turma em relação aos aspectos cognitivos e alterava o seu humor quando algo não lhe agradava, apresentava alteração de humor constantemente e sempre exigia exclusividade no grupo escolar. Sua inteligência emocional não lhe permitia lidar com as dificuldades, por exemplo, se alguma tarefa dela fosse solicitada pela professora para ser corrigida ficava irritada. Gostava de ser constantemente elogiada, principalmente quando ia para a escola com uma roupa ou um penteado diferente. Ela precisava sempre de incentivos para cumprir suas atividades, apresentando pouca autonomia.

Na avaliação diagnóstica do nível de aprendizagem de Maria observamos que as dificuldades nos aspectos psicomotores estavam bem nítidas para o coletivo da escola. Sua escrita ainda em “garatuja”, Maria não correlacionava a primeira letra ao objeto, não identificava e não escrevia números, não ordenava, não seriava e nem classificava os objetos. Apresentava ainda, leve grau de dislalia. O nível de aprendizagem de Maria assinalava como pré-operatório, o que caracteriza como fase pré-operacional, estágio delimitado por Piaget (1998) entre 2 a 7 anos, e o momento em que pensamento da criança ainda é egocêntrico, desse modo, ela tem dificuldade em ver o ponto de vista dos outros porque tudo se centra nela mesma e no seu próprio mundo, o que é extremamente significativo nela.

3. AS APRORPIAÇÕES DOS PRESSUSPOSTOS TEÓRICO-PEDAGÓGICOS

Selecionamos para trabalhar com a aluna Maria práticas pedagógicas que intensificassem seu desenvolvimento. Em meio de muitos questionamentos, elaboramos atividades para incentivar a sua memória. Como, as leituras e contagens com materiais concretos. Sempre compreendendo, estudando e avaliando os processos pedagógicos a partir da sua dificuldade de aprendizagem.

Neste caso, seguindo os princípios de Jean Piaget, a Maria deveria ser estimulada para ter mais autonomia e passar para a fase seguinte, é estágio operacional concreto, que, em média, ocorre na idade de 7 a 11 anos. Alcançando este estágio a criança adquire maior consciência em relação aos sentimentos das pessoas que os cercam e percebem os eventos externos. Assim, se tornaria menos egocêntrica. Iniciando o processo de compreensão em que as pessoas possuem diferentes formas de agir, sentir e pensar. Que tudo não gira entorno de si mesma.

O próximo estágio definido por Piaget é operacional concreto, momento em que se inicia a heteronomia em que a criança sente interesse em estar com as outras crianças dividindo brincadeiras, jogos ou outras atividades. Para Piaget (1998), esse estágio é importante porque inicia o pensamento lógico, seu cognitivo avança na percepção da realidade, que está além de si mesma. Sendo assim o professor vai desafiando a criança para que ela cognitivamente avance no processo de aquisição do conhecimento.

Segundo Piaget, o conhecimento não está no sujeito-organismo, tampouco no objeto-meio, mas é decorrente das contínuas interações entre os dois. Para ele, a inteligência é relacionada à aquisição de conhecimento na medida em que sua função é estruturar as interações sujeito-objeto. Assim, para Piaget todo o pensamento se origina na ação, e para se conhecer a gênese das operações intelectuais é imprescindível a observação da experiência do sujeito com o objeto (FERRACIOLI, 1999).

Entender os estágios de Piaget nos possibilitou a constatar o nível de desenvolvimento de Maria, e a partir daí organizarmos as atividades necessárias para seu avanço psíquico e social. Para Piaget, o sujeito é um organismo que possui estruturas e que, ao receber os estímulos do meio, dá uma resposta em função destas estruturas. Ele chega a dizer que a resposta já existia, no sentido de que o estímulo só será estímulo, se for significativo e será significativo somente se é uma estrutura que permita sua assimilação, uma estrutura que possa integrar esses estímulos, mas que ao mesmo tempo apresente uma resposta (FERRACIOLI, 1999).

Piaget objetivou saber como o conhecimento é construído, deste modo, este autor fornece ao professor meios para construções metodológicas, no trabalho didático-pedagógico, que visam o ensino-aprendizagem.

Já o psicólogo Lev Semyonovich Vygotsky, proponente da Psicologia cultural-histórica, destaca que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Vygotsky defende que a interação social por meio de mediações do saber construído pela humanidade potencializa o desenvolvimento do educando. Os seres humanos participam da evolução filogenética, em que todos os seres vivos partilham uma ancestralidade comum, e cultural, e seu desenvolvimento está atrelado ao meio social em que vive.

Para o autor, o desenvolvimento cultural da criança aparece segundo a lei da dupla formação, em que todas as funções aparecem duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual; ou seja, primeiro entre as pessoas (interpsicológica) e depois no interior da criança (intrapsicológica). Poder-se-ia assim dizer que o desenvolvimento cultural do aluno, assim como, sua aprendizagem, se dá mediante o processo de relação do aluno com o professor ou com outros alunos mais competentes (VYGOTSKY, 1987).

Diante destas compreensões, iniciamos os trabalhos de ensino-aprendizagem com Maria desenvolvendo atividades prazerosas, lúdicas, diversificadas, interagindo com os colegas de sala, despertando assim um novo olhar para conseguir avanços em suas competências e habilidades.

A aprendizagem dos alunos vai sendo assim construída mediante processo de relação do indivíduo com seu ambiente sociocultural e com o suporte de outros indivíduos mais experientes. É na zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que a interferência desses outros indivíduos é mais transformadora (VYGOTSKY, 1987).

A aprendizagem, seguindo a linha Vygotskyana, acontece pela troca entre o exterior e interior do indivíduo, uma vez que para formar ações mentais tem que partir das trocas com o mundo externo, cuja a interiorização surge a capacidade das atividades abstratas que a sua vez permite elevar a cabo ações externas (VYGOTSKY, 1987, p. 135). Sendo assim, em Vygotsky, a finalidade da aprendizagem é a assimilação

consciente do mundo físico mediante a interiorização gradual de atos externos e suas transformações em ações mentais.

Nesse processo, a aprendizagem se produz, pelo constante diálogo entre o exterior e interior da pessoa, uma vez que para formar ações mentais tem que partir das trocas com o mundo externo. O que nos faz pensar que esse processo de aprendizagem se desenvolve do concreto (segundo as variáveis externas) a abstrata (as ações mentais), com diferentes formas de manifestações, tanto intelectual, verbal e de diversos graus de generalizações e assimilações (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, [s.d.]).

Vygotsky explicita que a criança aprende através da interação, convivência até que sejam internalizadas, destaca que a zona de desenvolvimento proximal, o alargamento entre o plano de desenvolvimento real da pessoa, que é assentado pela capacidade de resolver tarefas autonomamente, e o nível de desenvolvimento potencial, apontado por ações possíveis, com ajuda de pessoas que tenham saberes maiores, mais experiências e compreensão. O que compartilha o papel do professor como peça forte de mediação e primordial para a aquisição do conhecimento. O estudioso fala da importância da repetição, como, muitas vezes, agimos pedagogicamente junto à criança que tem dificuldade de aprendizagem, trabalhando a teoria e a prática e repetindo sempre com ajuda do mediador.

4. AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICO-METODOLÓGICAS, DISCUSSÕES E RESULTADOS

A partir dessas considerações iniciamos com Maria as atividades de coordenação motora fina e grossa, como, exercitar recortes de jornais e revistas, colagem, pintura, massa de modelar em grupos e individual, sempre com muita persistência e paciência, dizendo sempre: “Você pode, você é capaz!” E pedindo sempre para a aluna repetir em voz alta isso. Maria, muitas vezes, dizia: Tia, eu não consigo. Então, com muita tranquilidade íamos elevando a sua autoestima, repetindo sempre “Você pode, você é capaz!”, ela falava: “Vou conseguir”.

Esse trabalho foi de suma importância no seu desenvolvimento. Maria alcançou progresso em sua coordenação motora que envolve os músculos menores e os dedos obedecendo aos comandos que o cérebro envia. O objetivo da coordenação motora é preparar o aluno para escrever. Desse jeito, Maria ia desenvolvendo sua capacidade de escrita, mas, sempre com a necessidade de repetição de comandos. Este processo durou seis meses e durante esse período ela foi desenvolvendo com nitidez sua autonomia.

Ressaltamos que, na perspectiva Vygotskyana, essa tarefa só tem sentido se for articulada com uma atividade social, não como um caminho preparatório para a escrita. Nesse caso, acaba por ser mecanizado. Por exemplo, a coordenação motora pode ser desenvolvida no ato de brincar ou no ato de escrever, assim como em atividades corporais.

Maria participava do Atendimento Educacional Especializado na instituição Pestalozzi no mesmo turno da aula regular. Conversamos com as professoras sobre a possibilidade de esse atendimento acontecer no contra turno, assim ele não atrapalharia seu desenvolvimento escolar. Isto feito, solicitamos essa mudança junto ao pedagogo da Pestalozzi. Positivamente, ficou acordada a mudança de horário, porém, não conseguimos estabelecer uma boa comunicação sobre as atividades propostas pela Pestalozzi. Acreditávamos que se conseguíssemos estabelecer trocas junto à Pestalozzi ajudaria muito a melhorar o processo de Maria

na escola regular. Pois, os diálogos pedagógicos sobre os avanços e as dificuldades podem ajudar em melhores avaliações e buscas de novas estratégias de ensino, principalmente no caso de Maria, que precisa de atendimentos bem específicos.

A valorização do diálogo, a construção coletiva que estimula a reflexão crítica e consciente da realidade em que o sujeito se insere. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí quer dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FRERE, 2004, p.77). O diálogo acontece pela palavra válida mostrando a realidade concreta. “Ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2004, p.78).

Acreditamos que a responsabilidade do educador mediador do processo de ensino promove mudanças de caráter pessoal, social, criticidade, participante da sociedade, motivada pelo mais alto ideal do altruísmo e solidariedade. A partir disso, realizamos com a Maria, um período de quinze dias de adaptação conosco e com os alunos da sua classe. Trabalhamos pedagogicamente com a estudante o possível para melhorar seu desenvolvimento integral. Nossa experiência com crianças especiais ajudou bastante no desenvolvimento desses trabalhos.

Compreendemos que as atividades que levavam a busca da identidade de Maria poderiam ajudá-la a perceber e identificar seu pertencimento familiar, assim explanamos a ela que cada pessoa tem um nome: sua mãe, a professora, os colegas e ela. Propomos para Maria se observar no espelho, se perceber e depois fazer seu autorretrato, através de desenhos, encorajamo-la a pensar nas suas características e o que mais gostava de si mesma. Alentada, Maria foi capaz de responder a esta atividade sem contestar. E até nos disse que quer ser médica quando ficar adulta. Percebemos que Maria possuía a noção de futuro. Achamos pertinente pedir para Maria fazer uma atividade na cor vermelha com o seguinte enunciado: O que você quer ser quando crescer? Lemos junto a ela o poema do cronista Mario Quintana, Auto-Retrato, pausadamente e várias vezes, enquanto pedia para ela falar o nome do autor.

*O auto-retrato
No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!
(QUINTANA, 2013).*

No nosso entendimento o belo poema de Mário Quintana tem tudo a ver com a identidade Maria. Pois, ela via seus desenhos, suas características como se fosse uma magia, um sonho.

Todas as atividades foram realizadas individualmente com Maria, sempre contando com ela, seguindo uma sequência, o número 1 era apresentado com um objeto relacionando, o número 2, com dois objetos e assim sucessivamente com os outros números. Isto era explicado pausadamente, sem pressa e sem exigir dela uma resposta mediata, ou, resultados rápidos. As atividades desenvolvidas com a ela foram elaboradas especificamente para a Maria, nós tínhamos alta preocupação com o seu desenvolvimento psíquico e social. Cuidávamos para não cobrar dela uma resposta imediata ou correta, mas valorizamos os seus pequenos avanços de compreensão e de entendimento, e aos poucos, pelos erros e acertos, Maria ia aprendendo.

Está bem estabelecido que a educação da criança com deficiência é uma atividade complexa, pois exige adaptações de ordem curricular que requerem cuidadoso acompanhamento dos educadores e pais. Por outro lado, frequentar a escola permitirá à criança com deficiência adquirir, progressivamente, conhecimentos que serão exigidos da sociedade e cujas bases são indispensáveis para a formação do indivíduo (TELES; RESEGUE; PUCCINI, 2016).

Com o tempo íamos percebendo o crescimento cognitivo de Maria. Ela nos falava: “O número 1 é igual o i”; “o w tem um v”, “e o 21 é parecido com o 12”. Entendíamos que Maria, já estava relacionando suas capacidades mentais com os números e letras. As crianças da sala de aula observavam o avanço de Maria diziam: “A Maria está aprendendo, ela está contando os números e escrevendo!” Nós, professoras, que operacionalizamos concretamente com ela, percebíamos contentes a autoestima dela sendo elevada. E ao mesmo tempo, sentíamos que o envolvimento das demais crianças, eram positivos em relação à Maria. Isso mostrava que a inclusão da estudante especial na sala de aula regular estava tendo sucesso. Trabalhávamos com atividades integrando linguagens, matemática, sociedades e com as questões relacionadas ao dia a dia das crianças.

Usando as estratégias do método fônico, a partir dos livros mostrávamos as vogais à Maria. Depois, com fantoches e músicas, cada vogal, relacionávamos com algum animal, *A* da abelhinha, o *E* faz o elefante, *O* faz a ovelhinha etc, deste modo, trabalhávamos uma vogal por semana. Esse processo era bem lento para ela entender o som da vogal relacionado a cada animal. Maria também já estava escrevendo na lousa. Então, apresentamos todo o alfabeto com cartazes e na lousa. Relacionamos com muito afinco o alfabeto a partir de materiais concretos, por exemplo, mostrávamos uma laranja e a letra *L*, o feijão e a letra *F* e assim sucessivamente. Maria passou a associar o som do alfabeto com os objetos, a encorajávamos às várias tentativas de escrita, sempre pedindo para repetir o som em voz alta.

Iniciamos os trabalhos de aprendizagem das sílabas mostramos à Maria um silábico ilustrativo, na sequência escrevemos no caderno com muita repetição e ligações sonoras com objetos concretos, manipulando uma bala doce, por exemplo.

Durante o trabalho realizado com Maria, solicitávamos para que repetisse e contasse quantas vezes se abre a boca para pronunciar a palavra, e assim por diante, com mais figuras e matérias concretos utilizamos as cinco sílabas relacionada, no final Maria passou a decodificar o som e a sílaba que a representava cada figura e objetos.

Em seguida, trabalhamos várias atividades lúdicas e jogos, como, pegar no pote as sílabas e relacionar com o desenho, colando na atividade proposta por nós professoras. Agíamos com muito carinho e sempre voltando para a recapitulação de outros conteúdos, como, as vogais, os números, as cores, as sílabas, o

alfabeto, os nomes dos objetos, o nome da aluna, vários textos, jogos com números, as quatro operações, entre outros.

Apresentamos textos com as músicas do universo infantil, como, “a dona aranha subiu pela parede”. Líamos tudo para ela em voz alta. Explicamos a ela que a aranha é um animal perigoso, que devemos ter cuidado, pois sua mordida pode acarretar vários problemas. Após as leituras pedíamos a Maria que observasse as vogais e as circulassem, como também pintar os espaços entre as palavras, circular a palavra ARANHA, contar as letras e escrever as quantidades de letras, ao mesmo tempo em que Maria pintava a figura da aranha, pedíamos que respeitasse os limites do desenho. Procurávamos estimular suas inteligências múltiplas, de acordo com Gardner. O teórico identificou, primeiramente, sete inteligências: linguística, lógico matemática, cinestésica, musical, espacial, interpessoal e intrapessoal. Alguns anos mais tarde, identificou a inteligência naturalista.

Gardner acredita que as competências intelectuais são relativamente independentes e têm suas origens e limites genéticos próprios e substratos neuroanatômicos específicos; acredita também que cada uma dispõe de processos cognitivos próprios. Para Gardner, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e combinações ou organizações diferentes das mesmas. Gardner ressalta, no entanto, que embora essas inteligências sejam até certo ponto independentes, elas dificilmente funcionam isoladamente (GAMA, 2014).

Valorizando o desenvolvimento das inteligências múltiplas de Maria destacamos que houve bastante positividade no processo de desenvolvimento integral dela. No início dos trabalhos pedagógicos o nível de aprendizagem da aluna, de acordo com Piaget, era pré-operatório, momento em que ela fazia somente garatujas, não pintava dentro dos limites e rabiscava, tinha dificuldade de fala, de segurar com firmeza o lápis, nem conseguia recortar com tesouras, não identificava números e letras.

No final de 2019, na avaliação das professoras, respeitando a nossa experiência em educação especial e os estudos que tecemos dos teóricos do desenvolvimento infantil, podemos destacar que o trabalho pedagógico especialmente planejado para o desenvolvimento cognitivo e social de Maria, o que ajudou o seu nível de aprendizagem a crescer. Conseguimos observar sinais elementares do estágio operatório formal, delimitado por Piaget.

Ao longo deste tempo, de 2017 a 2019, vimos que o interesse de Maria em participar das aulas teve um grande avanço. Melhorou muito sua coordenação motora fina, isso lhe ajudou a realizar as atividades, que aos poucos íamos tornando mais complexas, como recortar coisas menores, como formas, figuras e letras. Atualmente Maria lê e escreve as vogais e reconhece os números até 50; associa os sons dos objetos relacionados alfabeto e sílabas simples, interpreta pequenos textos; ao pintar um desenho, respeita seus limites; escreve e lê frases simples; compreende e faz as quatro operações matemática.

Temos muitos desafios ainda em relação ao desenvolvimento integral da Maria. Devemos continuar aprofundando a leitura e escrita de várias tipologias textuais, escrita e leitura de números maiores, atividades relacionadas às resoluções de problemas do cotidiano, conhecimentos de horas, sistema monetário Brasileiro e porcentagens. E assim, neste ano de 2020, de forma rigorosa e paciente, estamos dando continuidade ao aprendizado de Maria. Uma aluna com dificuldade de aprendizagem que temos muito apreço dentro da escola pública Municipal de Presidente Kennedy-ES.

A mãe da Maria que acompanha o trabalho das professoras nos relatou que percebeu avanços no desenvolvimento da aprendizagem da sua filha. O interessante é que a mãe de Maria estuda na Educação de Jov-

ens e Adultos EJA, na mesma escola da Maria. A mãe é observadora e atenta deixa claro que a escola inclui os alunos no processo ensino-aprendizagem, a professora regente e a professora da Maria trabalharam em comum acordo sanando as dificuldades da filha. Ela nos disse que admira todos os funcionários da escola, relata que os educadores sempre estão atentos à sua filha, e sempre que possível convidam a para solução de problema e elogia as atividades da Maria.

A mãe de Maria relatou que:

Maria estuda nesta escola Municipal de Ensino fundamental desde quando a professora foi designada para trabalhar com minha filha. Como todos sabem toda sala tem uma professora regente, fui convidada, ela (filha) ficou satisfeita – foi pedido um documento encaminharam a um especialista da área neurológica para os professores estudar a causa das dificuldades de Maria apesar de (sic) estar estudando na EJA, sempre procuro a escola e sou convidada para ver os avanços, elaborava as atividades de casa. Logo foi visto avanços, e no ano de 2019, não teve mais professor exclusivo para ela, mas a pesquisadora acompanhava Maria (Entrevista 3/2/2020).

Em unanimidade as professoras entrevistadas responderam que deve se diagnosticar o nível de aprendizagem dos alunos para escolher os critérios intervencionistas e metodológicos. E assim selecionar o conteúdo programático a ser desenvolvido com os educandos. É importante que os conteúdos ministrados junto aos estudantes devem estar em consonância com a temática do currículo, porém flexibilizados a seu nível de aprendizagem.

A partir do envolvimento com a Maria demonstrou-se a necessidade de compreender o processo educacional de alunos com dificuldades de aprendizagem, mostrando avanços positivos, ampliando-se algumas práticas em relação a atividades, que a mesma não realizava, registrando a evolução do processo de ensino-aprendizado.

É necessário sempre que a escola invista na formação continuada dos professores, e que façam um planejamento específico e direcionado de acordo com as necessidades dos educandos, que vá além da sala de aula padronizada, para que o aluno com necessidade especial de aprendizagem possa realmente ser inserido, e mais do que isso, aprender, na escola, na família e na comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa constitui-se na vivência sobre a educação inclusiva, e visa contribuir para eliminar a exclusão social resultante de atitudes e respostas para a diversidade. Neste contexto, a inclusão educacional vem ganhando cada vez mais destaque na pauta de discussões sociais, econômicas e políticas nacionais e internacionais, pois, a inclusão é um direito da pessoa com deficiência.

Nesta direção, os papéis, da escola, do professor e demais participantes no processo educacional se apresentam relevante no processo educativo, pois a práxis pedagógica, em todos os níveis de ensino, deve estar diretamente voltada para atender a dinamicidade do pensamento educacional do século XXI. Nesse sentido, um dos grandes campos educacionais acaba sendo a educação inclusiva (KASSAR, 1999).

Com base nas avaliações, observa-se que Maria demonstra um bom relacionamento com toda a comunidade escolar, inclusive é notada a sua autoestima e gosta muito das suas professoras. Ela teve um avanço relevante em todos os aspectos como: linguagem, psicomotricidade, cognição, pensamento lógico-matemático, assiduidade e relacionamento interpessoal e leitura e escrita de palavras simples.

Em meio às transformações sociais, culturais e educacionais do país, a escola deve priorizar um ensino que promova uma visão holística do aluno, associando as teorias ao cotidiano dos mesmos, facilitando, assim, o aprendizado cognitivo. Assim, não se faz mais cabível o método conteudista no processo ensino-aprendizado.

Em unanimidade as entrevistadas responderam que se deve diagnosticar o nível de aprendizagem, dos alunos para escolher os critérios intervencionistas e metodológicos para selecionar o conteúdo programático a ser desenvolvido com eles. É importante que os conteúdos ministrados aos alunos devam estar em consonância com a temática do Currículo, porém flexibilizados a seu nível de aprendizagem.

A elaboração do e-book portfólio nos ajudou também a compreender o processo educacional de pessoas com dificuldades de aprendizagem. Nele podemos mostrar os avanços, melhorando e ampliando algumas práticas em relação a atividades, que a aluna não conseguia realizar.

Concluindo que é necessário sempre um olhar, formação continuada por parte do professor, e um planejamento específico e direcionado, que vá além da sala de aula padronizada, para que o aluno com necessidade especial de aprendizado possa realmente ser inserido, e mais do que isso, aprender, na escola, na família e na comunidade.

6. REFERÊNCIAS

FERRACIOLI, Laércio. . Departamento de Física, UFES, Vitória ES. 1999. **Aspectos da Construção Do Conhecimento e da Aprendizagem na Obra de Piaget.**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

KASSAR, M. de C. M.. **Deficiência múltipla e educação no Brasil: discurso e silêncio nahistória de sujeitos.** Autores Associados, São Paulo/SP, 1999.

PIAGET, J. **Problema de psicologia genética.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

QUINTANA, Mario. **O auto-retrato.** Conto Brasileiro Contos, crônicas e poesias de autores brasileiros. Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/o-auto-retrato-poema-de-mario-quintana/>> Acesso em: 25 nov. 2019.

TELES, Fernanda Moreira. RESEGUE, Rosa; PUCCINI, Rosana Fiorini. Necessidades de assistência à criança com deficiência.- Uso do Inventário de Avaliação Pediátrica de Incapacidade. **Revista Paulista de Pediatria**,v.34, n. 4, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rpp/v34n4/pt_0103-0582-rpp-34-04-0447.pdf. Acesso em: 25 jul. 2020.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** 3. ed. São Paulo. Martins Fontes, 1987.